INSTITUTO FEDERAL
Rondônia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

Campus Porto Velho Zona Norte
Coordenação do Curso Licenciatura em Pedagogia

Raama Brito de Lima

AS FUNÇÕES EXECUTIVAS NO TDAH: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Porto Velho - RO
2026

Raama Brito de Lima

AS FUNÇÕES EXECUTIVAS NO TDAH: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Capítulo de livro entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Porto Velho Zona Norte*, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado, junto ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor(a) Rosa Martins Costa Pereira.

Porto Velho - RO
2026

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Lima, Raama Brito de.
As funções executivas no TDAH: contribuições para o processo de aprendizagem na primeira infância / Raama Brito de Lima. - Porto Velho, 2026.
22 f.

Orientador(a): Profª Drª Rosa Martins Costa Pereira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia EAD) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Porto Velho, 2026.

1. processo de aprendizagem. 2. TDAH funções executivas. 3. transtornos do neurodesenvolvimento . 4. primeira infância . I. Pereira, Rosa Martins Costa (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Gizele de Melo Viana, CRB-11/914

Raama Brito de Lima

AS FUNÇÕES EXECUTIVAS NO TDAH:
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Capítulo de livro entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), *Campus Porto Velho Zona Norte*, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado, junto ao Curso em Pedagogia, sob a orientação do professor Rosa Martins Costa Pereira.

Aprovado em: 03/11/2026 pela banca examinadora.

gov.br Documento assinado digitalmente
SAMUEL DOS SANTOS JUNIO
Data: 04/11/2026 19:03:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Coordenador do curso - Samuel dos Santos Junio

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSA MARTINS COSTA PEREIRA
Data: 04/11/2026 19:15:39-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
Orientadora - Rosa Martins Costa Pereira

CAPÍTULO 9

As Funções Executivas no TDAH: Contribuições para o Processo de Aprendizagem na Primeira Infância

Raama Brito de Lima
Rosa Martins Costa Pereira
DOI: 10.48209/978-65-5417-851-9

INTRODUÇÃO

A primeira infância, compreendida do nascimento aos seis anos, é um período importante para o desenvolvimento cerebral, marcado pela plasticidade neural e pela influência das experiências vividas. Nessa fase, as funções executivas (FE), habilidades que ajudam a regular pensamentos, emoções e ações para alcançar objetivos, desenvolvem-se progressivamente e dão suporte à aprendizagem, à autonomia e à convivência. Para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), dificuldades de atenção, inibição de respostas e organização podem tornar esse percurso mais desafiador.

Este estudo investiga a relação entre funções executivas e aprendizagem de crianças com TDAH na primeira infância, orientando-se pela pergunta: de que maneira o desenvolvimento das funções executivas pode contribuir ou prejudicar a aprendizagem nessa etapa? Parte-se da hipótese de que algumas crianças podem compreender informações, mas ter dificuldade para organizar e executar ações com autonomia. Essa diferença entre compreender uma orientação e conseguir colocá-la em prática pode estar associada a dificuldades na memória de trabalho, no controle inibitório e na flexibilidade cognitiva. A mediação dos adultos e a organização dos ambientes podem oferecer apoio para essas habilidades em desenvolvimento.

O objetivo geral é compreender a importância das funções executivas no processo de aprendizagem de crianças com TDAH na primeira

infância. Como objetivos específicos, busca-se identificar as habilidades executivas frequentemente envolvidas nas dificuldades; relacionar seu funcionamento a situações dos contextos familiar e escolar; e analisar como a mediação adulta e a estruturação do ambiente podem favorecer a autonomia.

A pesquisa é qualitativa e bibliográfica, baseada na análise de livros, artigos e documentos sobre desenvolvimento infantil, TDAH e funções executivas. Recebem destaque Dawson e Guare (2022), cuja obra Inteligente, mas disperso apresenta habilidades executivas e estratégias aplicáveis à família e à escola, além das contribuições de Diamond (2013), Barkley (2020), Hudson (2025), Vygotsky (2007) e do Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2016). O trabalho articula neurociência, psicologia cognitiva e prática pedagógica, considerando que as habilidades executivas se desenvolvem com a maturação e com experiências mediadas.

A investigação delimita-se às funções executivas, com ênfase na memória de trabalho, no controle inibitório e na flexibilidade cognitiva e às suas implicações na aprendizagem de crianças de zero a seis anos com TDAH. O foco recai sobre os ambientes familiar e escolar como contextos de desenvolvimento e mediação. Não se pretende discutir em profundidade diagnóstico clínico ou tratamento farmacológico, mas compreender as contribuições pedagógicas da literatura para o apoio à aprendizagem.

O tema apresenta relevância científica, pedagógica e social. O TDAH está entre os transtornos do neurodesenvolvimento identificados na infância e pode afetar a participação da criança nas atividades escolares, familiares e sociais (American Psychiatric Association, 2023). Conhecer o funcionamento executivo ajuda a compreender por que algumas crianças têm dificuldade para esperar a vez, seguir instruções, organizar materiais ou concluir tarefas, mesmo quando demonstram interesse e capacidade para aprender.

Diamond (2013) relaciona as funções executivas à aprendizagem e a diferentes aspectos do desenvolvimento ao longo da vida. Na educação infantil, a identificação de dificuldades e a oferta de apoio compatível com

as necessidades da criança podem prevenir interpretações equivocadas, como atribuir todo comportamento à desobediência ou à falta de esforço. Barkley (2020) destaca a importância da autorregulação na compreensão do TDAH. Sob essa perspectiva, estratégias pedagógicas claras e consistentes podem reduzir barreiras à participação, sem diminuir as expectativas de aprendizagem.

Socialmente, o estudo contribui para uma visão mais inclusiva da infância. A compreensão das necessidades executivas pode fortalecer a parceria entre família e escola, favorecer experiências de sucesso e apoiar o desenvolvimento gradual da autonomia. No âmbito acadêmico, a revisão reúne contribuições da neurociência e da educação para subsidiar práticas de educadores que trabalham com a diversidade presente nas salas de aula.

O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

O TDAH é classificado como transtorno do neurodesenvolvimento e caracteriza-se por padrões persistentes de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interferem no funcionamento cotidiano. Os sinais começam na infância, embora sua expressão varie conforme a idade e o contexto (American Psychiatric Association, 2023). O transtorno não se manifesta de forma idêntica em todas as crianças, e sua identificação requer avaliação profissional abrangente; comportamentos isolados, sobretudo em crianças pequenas, não são suficientes para estabelecer um diagnóstico.

A literatura relaciona o TDAH a diferenças no funcionamento de redes cerebrais envolvidas na atenção, na motivação e na autorregulação, incluindo circuitos que envolvem o córtex pré-frontal e sistemas de neurotransmissão. Essas diferenças podem dificultar a inibição de respostas imediatas, a manutenção de informações relevantes e o planejamento de ações. Por isso, as dificuldades não devem ser automaticamente interpretadas como preguiça ou falta de vontade (Barkley, 2020; Hudson, 2025).

O DSM-5 descreve apresentações predominantemente desatenta, predominantemente hiperativa/impulsiva e combinada. Na primeira, podem aparecer distração frequente, esquecimento e dificuldade para acompanhar instruções; na segunda, inquietação, interrupções e dificuldade para esperar; na apresentação combinada, estão presentes características dos dois grupos. Essas manifestações variam entre indivíduos e precisam ser compreendidas em relação ao desenvolvimento esperado para a idade.

Hudson (2025) explica que os lobos frontais participam do comportamento planejado, da inibição de respostas e da adaptação da conduta. Como destaca a autora, "A região da frente do cérebro (lobo frontal) controla nosso comportamento racional e lógico. Permite-nos pensar antes de agir e aprender com a experiência" (HUDSON, 2025, p. 100). Essa perspectiva contribui para compreender a relação entre TDAH e funções executivas, sem reduzir o transtorno a uma única região cerebral ou a um único mecanismo.

Funções executivas: conceito e componentes

As funções executivas são processos cognitivos integrados que permitem orientar o comportamento para metas, avaliar resultados, abandonar estratégias pouco eficientes e resolver problemas. Malloy-Diniz et al. (2008) destacam seu papel na organização de ações imediatas e de longo prazo. Diamond (2013) apresenta três componentes centrais: controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva, que servem de base para habilidades mais complexas.

O controle inibitório permite resistir a impulsos, filtrar distrações e interromper respostas automáticas quando necessário. A memória de trabalho mantém informações ativas por um curto período e permite manipulá-las, sendo importante para seguir instruções, compreender narrativas e realizar tarefas com várias etapas. A flexibilidade cognitiva possibilita mudar de estratégia, considerar diferentes perspectivas e adaptar-se a alterações de regras ou de rotina. Embora possam ser descritas separadamente, essas habilidades atuam de modo integrado.

Desenvolvimento das funções executivas na primeira infância

Durante a primeira infância, as funções executivas ainda estão em formação. A plasticidade cerebral favorece mudanças em resposta às experiências, às relações e às condições ambientais, mas não significa que todas as habilidades estejam plenamente desenvolvidas ou que haja uma trajetória idêntica para todas as crianças (NCPI, 2016). A autorregulação emerge gradualmente, com apoio de adultos e oportunidades de brincar, explorar, resolver problemas e participar de interações significativas.

Tabela 1 – Desenvolvimento das Funções Executivas ao longo da infância

Faixa etária aproximada	Características gerais do desenvolvimento
0 a 2 anos	Começam a surgir formas iniciais de memória, atenção compartilhada e controle comportamental, ainda muito dependentes do adulto e do contexto.
2 a 3 anos	A criança passa a seguir algumas orientações simples, mas ainda tem dificuldade para esperar, controlar impulsos e mudar de atividade.
4 a 5 anos	Tornam-se mais visíveis a compreensão de regras simples, a alternância de estratégias em brincadeiras e o planejamento inicial.
5 a 6 anos	Podem ocorrer avanços na manutenção da atenção, na sequência de ações e na capacidade de revisar uma resposta, embora a autorregulação continue em desenvolvimento.
Após os 6 anos	As habilidades seguem se aperfeiçoando, com mudanças graduais na organização, no planejamento e na autoavaliação.

Fonte: Elaboração própria, com base em Barros e Hazin (2013) e NCPI (2016). As idades são aproximadas e descrevem tendências gerais, não marcos rígidos de desenvolvimento.

A perspectiva neuropsicológica de Luria compreende o cérebro como um sistema funcional integrado. As regiões pré-frontais participam da programação, regulação e verificação da atividade consciente, mas atuam em articulação com outras áreas cerebrais (Luria, 1981). Essa concepção ajuda a compreender as funções executivas como parte de uma rede, e não como capacidades dependentes de uma estrutura isolada (Barros; Hazin, 2013).

O NCPI (2016) compara o desenvolvimento cerebral à construção de uma casa: experiências iniciais constituem uma base importante para aquisições posteriores. De modo semelhante, a metáfora do controle de tráfego aéreo, utilizada em materiais de Harvard, ilustra como as funções executivas ajudam a administrar demandas simultâneas, priorizar informações e evitar respostas inadequadas. Essas habilidades não surgem prontas; são desenvolvidas ao longo do tempo e fortalecidas por experiências e apoios adequados.

A mediação adulta pode ser relacionada à Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (2007): com o apoio de alguém mais experiente, a criança realiza ações que ainda não consegue executar de forma independente. A ideia de "emprestar os lobos frontais", utilizada metaforicamente por autores como Dawson e Guare (2022), descreve esse suporte externo. Na prática, significa reduzir distrações, organizar materiais, apresentar rotinas visuais, dividir instruções em passos curtos, demonstrar como realizar tarefas e reconhecer progressos. O apoio deve ser ajustado e retirado gradualmente à medida que a criança ganha autonomia.

Impactos dos déficits executivos na aprendizagem de crianças com TDAH

Crianças com TDAH podem apresentar dificuldades executivas que afetam a organização, a persistência, a atenção e a regulação do comportamento. Barkley (2020) destaca a importância da autorregulação para compreender essas dificuldades. A memória de trabalho pode dificultar a retenção de instruções; o controle inibitório pode tornar mais difícil esperar a vez ou resistir a estímulos concorrentes; e a flexibilidade cognitiva pode afetar a adaptação a mudanças ou a correção de estratégias (Diamond, 2013).

Essas dificuldades podem repercutir nas atividades escolares, nas brincadeiras e nas relações com colegas e adultos. Entretanto, o TDAH não impede a aprendizagem nem determina, por si só, o potencial intelectual da criança. As manifestações são variáveis, e as dificuldades exe-

cutivas não são exclusivas do transtorno. A avaliação individualizada e o acompanhamento adequado ajudam a identificar necessidades e a planejar apoios compatíveis (Rohde; Halpern, 2004).

Mediação adulta e estruturação do ambiente

Pais, professores e cuidadores podem atuar como reguladores externos enquanto a criança desenvolve suas próprias estratégias. Essa mediação envolve rotinas previsíveis, orientações breves, materiais organizados, tarefas divididas em etapas e feedback específico. A parceria entre família e escola permite manter expectativas coerentes e observar quais estratégias favorecem a participação da criança (Dawson; Guare, 2022).

A mediação não deve ser confundida com fazer tudo pela criança ou controlar permanentemente seu comportamento. Seu propósito é ensinar habilidades e oferecer apoio proporcional à necessidade, com oportunidades para a criança tentar, errar, rever e concluir ações. Essa perspectiva aproxima-se de Vygotsky (2007), pois o suporte externo pode ser gradualmente internalizado. Hudson (2025) reforça a importância de substituir respostas exclusivamente punitivas por uma postura instrucional, centrada em ensinar a habilidade que ainda não está consolidada.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e revisão bibliográfica, com caráter descritivo. Esse procedimento permite analisar e interpretar produções já publicadas para construir uma compreensão contextualizada do tema (Gil, 2002). O corpus foi selecionado intencionalmente, considerando a relevância das obras para o desenvolvimento infantil, as funções executivas e a aplicação de estratégias em contextos familiares e educacionais.

Foram priorizadas as obras Diferenças específicas de aprendizagem, de Hudson (2025); Inteligente, mas disperso, de Dawson e Guare (2022); o estudo Funções executivas e desenvolvimento infantil, do NCPI

(2016); e contribuições de Diamond (2013), Barkley (2020), Vygotsky (2007) e Barros e Hazin (2013). A análise foi organizada em três movimentos: identificação das habilidades executivas discutidas na literatura; relação dessas habilidades com situações cotidianas de aprendizagem e socialização; e interpretação das estratégias de apoio à luz do referencial teórico. Por se tratar de revisão bibliográfica, os resultados representam uma síntese interpretativa das fontes consultadas, e não uma avaliação empírica de intervenções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra "Inteligente mas Disperso: O Método Revolucionário de Habilidades Executivas para Ajudar no Desenvolvimento de Todos os Potenciais da Criança" (publicada originalmente em inglês sob o título Smart but Scattered pela Guilford Press e lançada no Brasil pela Editora nVersos) é uma das principais referências mundiais sobre o desenvolvimento de competências de autogerenciamento na infância. O livro traduz conceitos complexos da neurociência e da psicologia comportamental em um guia prático, acolhedor e altamente aplicável para a vida em família e na escola. Os autores da obra são Peg Dawson (EdD), Doutora em Educação e Psicóloga Escolar, com vasta trajetória no atendimento neuropsicológico de crianças e adolescentes. É especialista no diagnóstico e na elaboração de intervenções para dificuldades de aprendizagem e déficits atencionais e Richard Guare (PhD), Doutor em Psicologia, neuropsicologo clínico e analista de comportamento. Possui ampla experiência no acompanhamento de indivíduos com lesões cerebrais, transtornos do neurodesenvolvimento e limitações no funcionamento executivo. Juntos, Dawson e Guare somam mais de trinta anos de prática clínica, pesquisa aplicada e consultoria educacional, além de vivenciarem na prática os desafios do desenvolvimento ao criarem seus próprios filhos.

A obra nasceu da observação direta de um dilema frequente nos consultórios, nas escolas e nos lares: a existência de crianças visivelmen-

te inteligentes, com excelente capacidade de raciocínio (input), mas que enfrentam enormes obstáculos para organizar, planejar e executar suas tarefas cotidianas (output).

Os autores iniciaram suas pesquisas na década de 1980 acompanhando crianças com lesões cerebrais e com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Ao longo dos anos, perceberam que esse descompasso, perder prazos, procrastinar, ter crises emocionais ou não conseguir arrumar o quarto, não decorria de preguiça, falta de vontade ou má intenção da criança. Trata-se, na verdade, de um atraso ou imaturidade no desenvolvimento das Habilidades Executivas, gerenciadas pelo córtex pré-frontal, região cerebral que leva cerca de duas décadas para maturar completamente. Diante do estresse, dos conflitos familiares diários e da sobrecarga vivenciada por pais e professores em um mundo cada vez mais complexo, Dawson e Guare escreveram a obra para oferecer uma abordagem preventiva e instrucional: ensinar adultos a atuar provisoriamente como o "lobo frontal externo" da criança, fornecendo estruturas de apoio (scaffolding) até que ela conquiste sua autonomia.

O livro aborda o conceito de Habilidades Executivas, definidas como os hábitos mentais e comportamentais necessários para planejar, iniciar, focar, regular emoções, organizar e concluir tarefas cotidianas. A obra fundamenta-se na premissa de que toda criança possui um perfil próprio de forças e fraquezas executivas. O texto detalha o modelo dos autores estruturado em 11 habilidades executivas específicas, subdivididas em dois grandes eixos: Eixo Cognitivo (Pensar): Memória de trabalho, planejamento/priorização, organização, gestão de tempo e metacognição e Eixo Comportamental (Fazer): Inibição de resposta, controle emocional, atenção sustentada, inicialização de tarefas, persistência orientada por metas e flexibilidade.

Tabela 2 – Organização e conteúdo das partes da obra

Parte	Conteúdo
Primeira Parte — Por que seu filho é inteligente, mas disperso (Capítulos 1 ao 4)	Apresenta o conceito das habilidades executivas e sua relação com o desenvolvimento do córtex pré-frontal. Disponibiliza questionários divididos por faixas etárias (da pré-escola ao ensino médio) para mapear o perfil de forças e fraquezas da criança. Ensina os pais a avaliarem o seu próprio perfil executivo para compreender a harmonia ou o conflito de "encaixe" com o perfil do filho.
Segunda Parte — Fundamentos que podem ajudar (Capítulos 5 ao 8)	Estabelece dez princípios guia para apoiar o desenvolvimento executivo sem batalhas desgastantes. Detalha os três pilares de intervenção: modificação do ambiente (Capítulo 6), ensino direto de habilidades via mediação e jogos (Capítulo 7) e estruturação de planos de incentivos e motivação (Capítulo 8).
Terceira Parte — Juntando tudo (Capítulos 9 ao 24)	Apresenta 20 planos de intervenção práticos para rotinas diárias críticas (arrumar o quarto, fazer a lição de casa, preparar a mochila, lidar com mudanças de planos, controlar o temperamento, entre outros). Dedica capítulos específicos a cada uma das 11 habilidades executivas, oferecendo estratégias de aprimoramento. Orienta a parceria entre a família e a escola e aborda a transição para a independência na adolescência e na vida adulta.

Fonte: Elaboração própria (2026), com base na obra Inteligente mas disperso de Peg Dawson e Richard Guare (2022).

A obra ensina a identificar o perfil executivo da criança e dos próprios pais, e propõe o Modelo ABC de Intervenção: modificar o ambiente (Antecedentes), ensinar habilidades diretamente (Behavior/comportamento) e utilizar incentivos motivacionais (Consequências).

Tabela 3 – Público-alvo e destinação da obra

Público-alvo	Descrição
Pais, Mães e Cuidadores	É o público-alvo primário. O livro foi escrito especialmente para famílias com crianças e jovens na faixa etária de 4 a 13 anos (da pré-escola ao ensino fundamental II), período em que as intervenções ambientais e instrucionais possuem maior impacto na consolidação da autonomia.

Educadores e Professores	Serve como guia pedagógico para compreender por que alunos brilhantes procrastinam, perdem materiais ou se distraem facilmente, oferecendo adaptações práticas de sala de aula.
Psicólogos, Psicopedagogos e Profissionais de Saúde	Constitui um manual de consulta clínica para o desenho de programas de reabilitação neuropsicológica e orientação parental em quadros de TDAH, dificuldades de aprendizagem ou disfunções executivas em geral.

Fonte: Elaboração própria (2026), com base na obra Inteligente mas disperso de Peg Dawson e Richard Guare (2022).

Funções executivas frequentemente envolvidas no TDAH

A literatura consultada aponta o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva como componentes importantes para compreender dificuldades que podem aparecer no TDAH. Isso não significa que todas as crianças apresentem o mesmo perfil, nem que o transtorno possa ser explicado exclusivamente por déficits executivos. As habilidades interagem entre si e com fatores emocionais, sociais e ambientais (Diamond, 2013; Barkley, 2020).

O controle inibitório ajuda a interromper respostas imediatas e a resistir a estímulos concorrentes. Quando essa habilidade está fragilizada, a criança pode interromper colegas, agir antes de ouvir toda a instrução ou ter dificuldade para esperar. A memória de trabalho permite manter informações ativas durante uma atividade; por isso, instruções longas podem ser esquecidas antes de serem concluídas. A flexibilidade cognitiva auxilia na adaptação a mudanças e na busca de novas estratégias; dificuldades nesse componente podem tornar mais difícil lidar com alterações de rotina, correções ou regras novas.

A síntese das fontes revela enfoques complementares. O NCPI (2016) enfatiza o desenvolvimento e a influência das experiências iniciais; Dawson e Guare (2022) traduzem as habilidades em estratégias práticas; Hudson (2025) discute barreiras de aprendizagem e a necessidade de uma abordagem compreensiva; e Barkley (2020) destaca a au-

torregulação no TDAH. Em conjunto, essas perspectivas ajudam a evitar explicações moralizantes do comportamento infantil e orientam a observação das habilidades que precisam de apoio.

Tabela 4 – Síntese das contribuições teóricas sobre as funções executivas e o TDAH

Autores/ obra	Contribuição principal	Implicações para a aprendizagem
NCPI (2016)	Relaciona desenvolvimento cerebral, experiências iniciais e funções executivas.	Valorizar ambientes seguros, interações responsivas e oportunidades de autorregulação.
Dawson e Guare (2022)	Apresentam habilidades executivas e estratégias de intervenção cotidiana.	Usar rotinas, pistas visuais, tarefas fracionadas e ensino direto.
Hudson (2025)	Discute dificuldades específicas de aprendizagem e barreiras que afetam a participação.	Evitar interpretar automaticamente esquecimentos e distrações como desinteresse.
Barkley (2020)	Destaca o papel da autorregulação no TDAH.	Apoiar o controle de impulsos e o comportamento orientado a objetivos.

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nas obras consultadas.

Contribuições das funções executivas para a aprendizagem

As funções executivas participam tanto das aprendizagens formais quanto das atividades cotidianas que estruturam o desenvolvimento infantil. Em casa, seguir uma sequência como guardar os brinquedos e lavar as mãos exige manter a orientação na memória de trabalho, iniciar a ação e evitar distrações. Na escola, ouvir uma história, acompanhar uma atividade de arte ou participar de uma brincadeira com regras envolve atenção, inibição de respostas e flexibilidade para ajustar a conduta. Quando essas habilidades estão fragilizadas, a criança pode precisar de mais lembretes, demonstrações e apoio para completar a atividade.

O brincar é um contexto privilegiado para exercitar funções executivas. Jogos como “estátua” podem favorecer a inibição de respostas; brincadeiras com regras variáveis podem apoiar a flexibilidade; e atividades

de construção podem mobilizar planejamento e memória de trabalho. O objetivo não é transformar toda brincadeira em exercício formal, mas reconhecer que experiências lúdicas, acompanhadas de mediação sensível, oferecem oportunidades para praticar essas habilidades.

Na rotina escolar, instruções curtas, demonstrações concretas e apoios visuais podem diminuir a sobrecarga da memória de trabalho. Dividir uma atividade em etapas, antecipar mudanças e oferecer pausas planejadas pode ajudar a criança a sustentar a participação. O feedback deve ser específico — por exemplo, reconhecer que ela esperou sua vez ou retomou uma tarefa — para tornar visível a habilidade utilizada. Tais estratégias não substituem uma avaliação profissional quando necessária, mas favorecem um ambiente mais acessível.

Sem essa compreensão, esquecimentos, interrupções e tarefas inacabadas podem ser tratados apenas como desobediência, gerando conflitos e experiências repetidas de fracasso. A perspectiva executiva não elimina limites ou combinados; permite que sejam ensinados de forma adequada à idade, com consistência e apoio. Assim, a aprendizagem passa a considerar tanto o conteúdo que a criança precisa aprender quanto as habilidades de organização e autorregulação necessárias para participar.

Mediação adulta e promoção da autonomia

A análise das fontes indica três diretrizes para a mediação. A primeira é organizar o ambiente: reduzir estímulos concorrentes, deixar materiais acessíveis, utilizar imagens ou sequências visuais e manter rotinas previsíveis. A segunda é ensinar explicitamente: demonstrar cada etapa, verbalizar estratégias, praticar com a criança e verificar a compreensão antes de iniciar uma tarefa. A terceira é apoiar a motivação: reconhecer avanços, estabelecer metas próximas e oferecer retorno claro, evitando depender apenas de repreensões (Dawson; Guare, 2022).

Essas ações devem ser ajustadas às necessidades individuais. Uma instrução de cada vez pode ser mais útil do que uma sequência extensa; uma imagem pode funcionar melhor do que uma explicação verbal longa;

e uma tarefa mais curta pode permitir que a criança experimente concluir uma atividade antes de ampliar sua duração. A coordenação entre família e escola favorece a continuidade das estratégias e ajuda a identificar o que realmente funciona para cada criança.

A mediação adulta deve buscar autonomia progressiva, não dependência permanente. O adulto oferece suporte, modela a estratégia e reduz a ajuda conforme a criança consegue assumir partes da tarefa. Essa lógica dialoga com a Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (2007), pois a aprendizagem ocorre também naquilo que a criança consegue realizar com auxílio. Para crianças com TDAH, o percurso pode exigir maior repetição e organização, mas o apoio consistente cria condições mais favoráveis para a participação e o desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa permitiu compreender a importância das funções executivas para a aprendizagem de crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) na primeira infância. A revisão bibliográfica evidenciou que o controle inibitório, a memória de trabalho e a flexibilidade cognitiva estão relacionados à organização das ações, ao acompanhamento de instruções, à adaptação a mudanças e à participação nas atividades escolares e familiares.

As contribuições de Diamond (2013) e Barkley (2020) ajudam a compreender que dificuldades relacionadas a essas habilidades não devem ser interpretadas simplesmente como falta de interesse, desobediência ou ausência de esforço. Entretanto, as manifestações variam entre as crianças, e as dificuldades executivas, isoladamente, não determinam a presença do TDAH nem definem o potencial de aprendizagem infantil.

A literatura também destaca que as funções executivas se desenvolvem progressivamente e podem ser favorecidas pelas experiências e pela mediação dos adultos. Nesse sentido, as contribuições do Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2016) e de Vygotsky (2007) reforçam a importância

de ambientes acolhedores, orientações adequadas e oportunidades de aprendizagem. Dawson e Guare (2022), por sua vez, apresentam estratégias práticas, como rotinas previsíveis, recursos visuais, instruções objetivas e tarefas divididas em etapas, que podem favorecer a participação e a construção gradual da autonomia.

Do ponto de vista pedagógico, os resultados reforçam a necessidade de práticas que respeitem as particularidades de cada criança e ofereçam apoio às habilidades ainda em desenvolvimento. A parceria entre família e escola, aliada a limites claros, acolhimento e estratégias individualizadas, pode contribuir para uma aprendizagem mais inclusiva. Quando necessário, o acompanhamento de profissionais qualificados também é importante para compreender as necessidades da criança e orientar os apoios adequados.

Como limitação, destaca-se o caráter bibliográfico da pesquisa, que não permite avaliar diretamente a eficácia das estratégias analisadas. Estudos futuros poderão investigar sua aplicação na educação infantil e identificar possibilidades de aprimoramento das práticas pedagógicas na realidade brasileira.

Conclui-se que compreender as funções executivas amplia as possibilidades de apoiar a aprendizagem de crianças com TDAH. Mais do que destacar dificuldades, é fundamental reconhecer potencialidades e oferecer condições para que cada criança desenvolva suas habilidades e conquiste autonomia gradualmente. Espera-se que este estudo contribua para práticas educativas mais conscientes, inclusivas e respeitosas na primeira infância.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARKLEY, Russell A. **TDAH: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2020.

BARROS, Priscila Magalhães; HAZIN, Izabel. Avaliação das funções executivas na infância: revisão dos conceitos e instrumentos. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 2013. DOI: https://doi.org/10.5327/Z1982-1247201300010003.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA (NCPI). **Funções executivas e desenvolvimento infantil: habilidades necessárias para a autonomia: estudo III**. São Paulo: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal, 2016. Disponível em: http://www.ncpi.org.br. Acesso em: 25 jun. 2026.

DAWSON, Peg; GUARE, Richard. **Inteligente, mas disperso: o método revolucionário das habilidades executivas para ajudar as crianças no desenvolvimento de seu potencial**. Tradução de Marcos Malvezzi. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2022.

DIAMOND, Adele. Executive functions. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 64, p. 135-168, 2013.

FUENTES, Daniel; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; CAMARGO, Cândida Helena Pires; COSENZA, Ramon M. **Neuropsicologia: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

HUDSON, Diana. **Diferenças específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, TOC, síndrome de Asperger, evitação patológica de demanda (EPD), transtorno de processamento sensorial (TPS), tiques e síndrome de Tourette**. Tradução de Guilherme Summa. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025.

LURIA, Alexander Romanovich. **Fundamentos de neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos; Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; SEDO, M.; FUENTES, Daniel; LEITE, W. B. Neuropsicologia das funções executivas. In: FUENTES, Daniel et al. (org.). **Neuropsicologia: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 187-206.

NATALE, Livia de Castro. **Adaptação e investigação psicométrica de um conjunto de tarefas para a avaliação das funções executivas em pré-escolares: um estudo transversal**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ROHDE, Luis Augusto; HALPERN, Ricardo. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 80, n. 2, supl., p. S61-S70, 2004.

TONIETTO, Lilian et al. Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 247-255, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.